

# Museu da Educação do Distrito Federal: Um território de memória educativa

 Eva Waisros Pereira\*

Maria Paula Vasconcelos Taunay\*\*

**Resumo:** O Museu de Educação do Distrito Federal surge da necessidade de identificar a memória educativa desse território. A iniciativa, originada por meio de pesquisa vinculada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, concretiza-se no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, proporcionando à comunidade uma visão do seu patrimônio material, imaterial, cultural e simbólico. A primeira escola pública do Distrito Federal, piloto do projeto político-pedagógico formulado pelo educador Anísio Teixeira, será reconstruída para abrigar o Museu da Educação do Distrito Federal. Retomando o marco simbólico de Brasília, forja-se um centro de referência de conteúdos educativos, abastecidos por imagens e relatos de professores, gestores e estudantes. Além de promover a qualificação dos atuais docentes e seu usufruto educativo, o atendimento aos visitantes prevê atividades e programas, no intuito de favorecer vínculos entre a escola e a sociedade para recuperar a utopia de uma escola pública de qualidade.

**Palavras-chave:** Museu da Educação. Anísio Teixeira. Memória educativa. História da educação, Distrito Federal.

---

\* Eva Waisros Pereira é professora Emérita da Universidade de Brasília (UnB). Possui doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Aberta de Portugal (UA) e pós-doutorado pela Universidade de Poitiers, França. É líder do grupo de pesquisa HIS-TEDBR-DF, credenciado pelo CNPq, e coordena os projetos de pesquisa “Educação Básica Pública (1956/1964): Origens de um Projeto Inovador” (1999 a 2012) e “Educação Básica Pública no Distrito Federal, 1964/1971: desmonte de um projeto inovador” (2013 a 2017). E-mail: evaw@unb.br.

\*\* Maria Paula Vasconcelos Taunay é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e integra o grupo de trabalho do Museu da Educação do Distrito Federal. Possui doutorado em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília (UnB) e pesquisa temas relacionadas à memória educativa. E-mail: mariapauladevasconcelos@gmail.com

## A cidade, o museu e a memória educativa

Lembranças da infância e de outras fases da vida, conservadas na memória de cada indivíduo, servem como referências identitárias que diferenciam uma pessoa de outra. Essas recordações, disponíveis no interior da consciência, podem ser acessadas, sempre que necessárias, para afirmar as raízes e compor um contínuo presente. Momentos significativos no percurso da vida, quando armazenados na memória, conservam informações, adquiridas por meio de experiências, pontos intangíveis do presente que geram aprendizagem. Não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências.

A concepção do tempo tem sido discutida desde o início da cultura ocidental. No decorrer do tempo ocorrem vivências e afloram as experiências que compõem a memória do indivíduo. Os acontecimentos e experiências, quando estudados por meio de registros da memória, permitem a percepção da realidade em tempo alargado, que compreende passado, presente e futuro. As memórias representam um conteúdo inesgotável em palavras. “Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro” (IZQUIERDO, 1988, p.1).

Nas sociedades modernas, experiências significativas construídas no ambiente escolar passam a compor a memória dos indivíduos e podem representar longo período de vida. Na medida em que as instituições escolares se constituem como um dos principais lócus de formação do sujeito, substituindo o papel anteriormente exercido pela família e a comunidade, as memórias educativas ampliam-se gradativamente, preenchendo maior espaço com experiências mais intensas. Como um território de aprendizagens e acontecimentos marcantes, a escola exerce papel fundamental na formação da identidade do sujeito, seja professor ou estudante.

As experiências vividas no âmbito escolar constituem um traço de coesão na memória do grupo, como um limite expandido entre o indivíduo e o coletivo. Chamada de memória coletiva, esse conjunto de experiências pauta-se na continuidade, tem características plurais e formulam as bases de uma identidade coletiva. Para Halbwachs (2006), as memórias coletivas fazem com que tenhamos a percepção de ter vivenciado eventos exclusivos, que somente nós vimos, mas podem ser evocados por outros do mesmo grupo. Isso porque, como afirma o autor, jamais estamos sós, mesmo quando os outros não estejam fisicamente presentes, pois os carregamos conosco em pensamento. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (idem, *ibidem*, p. 31).

Nesse contexto, há de se refletir como a pedagogia pode valer-se dessas memórias para melhor compreensão das concepções e práticas do processo educativo. Que repercussões esses estudos trariam para a educação e a sociedade? Que utilidade as memórias do passado educativo têm para a atual geração? Que contribuições poderiam ensejar à educação no presente e no futuro? E, por fim, qual seria o território indicado para a guarda e reflexão das memórias da educação?

Tais questionamentos convergem para a ideia de se constituir o Museu de Educação do Distrito Federal como lugar especializado para abrigar as memórias educativas da capital brasileira. Esse Museu, concebido como espaço de apresentação e interpretação da prática social, é testemunho vivo de uma cultura. Para tanto, a sua função primordial é a de oferecer, por meio de ações e serviços, condições para a mediação pedagógica, de forma que o público visitante se reconheça como membro da comunidade, pelo compartilhamento de experiências e memórias e pela compreensão do seu patrimônio imaterial. “O público se apropria do discurso museológico, (re) elabora-o, e então cria e difunde um novo discurso e o processo recomeça, sendo que esse novo discurso será apropriado por outros e a história se repete” (CURY, 2009).

Na educação brasileira, historicamente, não há reconhecimento das experiências desenvolvidas pelos sujeitos nem de suas práticas educativas que promovem a aprendizagem e a construção do conhecimento. Falar das primeiras escolas no Brasil remete ao conhecimento de um saber privatizado e monopolizado por instituições religiosas, de tradição jesuítica, que, por um longo período, lançaram os fundamentos do sistema de educação no país, ampliado progressivamente com a expansão territorial do domínio português (AZEVEDO, 1996). A documentação histórica da educação brasileira manteve-se atrelada à identidade religiosa e conservada em arquivos exclusivos dessas instituições religiosas.

Após séculos de predomínio da igreja católica, a educação brasileira passa à responsabilidade do governo imperial, gerando disputas entre a coroa e a igreja por uma educação contrária ao predomínio da fé católica. O projeto modernizador do Marquês de Pombal, para Portugal e colônias ultramarinas, pretendia fortalecer a participação do Estado na condução da educação.

No Brasil, em 1760, realizou-se o primeiro concurso para a admissão de professores régios em substituição aos eclesiásticos, assim como foram introduzidas alterações nos currículos e organizações escolares. Não obstante, “em 1765 ainda não havia sido nomeado nenhum professor público no Brasil, embora o concurso já tivesse acontecido há cinco anos” (SAVIANI, 2008, p. 89). Essas reformas produziram os primeiros documentos oficiais que fundamentam os estudos da história da educação no Brasil.

Soma-se àqueles saberes institucionalizados, uma complexa gama de narrativas advindas de experiências vividas pelos cidadãos, não cristalizadas em documentos formais, que representam a consciência coletiva de indivíduos e grupos, gerando memórias paralelas ao conhecimento privatizado. Dessa forma, as recordações familiares, as histórias locais e as memórias educativas adquirem espaço destacado na construção da história da educação, provendo-a de novas fontes de pesquisa que sustentam a “necessidade de compreender o referencial simbólico, os códigos e as práticas daquele universo cultural específico” (DUARTE, 2002, p. 141).

## O Museu da Educação como produto de pesquisa

Pesquisadores vinculados à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília têm produzido estudos acadêmicos relativos à educação pública nos primórdios do Distrito Federal, por meio de pesquisas documentais e registros de história oral, que confirmam a necessidade de salvaguarda e difusão dos conteúdos relacionados ao tema.

Pensar os primórdios da educação na capital federal remete a um período de grandes realizações do Estado brasileiro, sob as bases de uma ideologia desenvolvimentista voltada para a modernização da sociedade e dos meios de produção do país. Brasília surge como meta síntese da plataforma política do presidente Juscelino Kubitschek, visando à integração nacional por meio de sua interiorização. A construção da nova capital constituiu-se numa epopéia e guarda características marcantes na formação da memória coletiva regional. Brasília, a capital do Brasil inaugurada em 1960, distingue-se das cidades convencionais, como uma cidade idealizada, com peculiaridades expressas no Relatório do Plano Piloto de Brasília, como:

uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura, dos mais lúcidos e sensíveis do país (COSTA 1991 p.2).

A cidade assim idealizada modificou costumes da face tradicional do país, diante da demanda por uma cultura nativa que incentivasse a valorização de suas memórias, em especial aquelas voltadas para a saga que alude à sua construção. A partir de 1957, a população brasileira desconhecia os vínculos culturais e as tradições do planalto central, região desabitada onde a população pioneira conviveu inicialmente.

No território ocupado, a nova identidade brasileira tomava posse entre as fazendas, os caminhos e as veredas do cerrado, onde seria instaurado o debate sobre a construção da capital como síntese da identidade renovada do país (TAUNAY 2015 p.152).

No plano da cidade, a arquitetura propõe-se a priorizar a convivência harmônica entre os indivíduos, criando ambientes apropriados à vida moderna e à valorização do convívio no meio urbano. Na visão de Clarice Lispector, “Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo” (LISPECTOR, 1999, p. 40). O que se planejava não era apenas o traçado urbano, mas um processo de humanização da sua população por meio de uma cidade

concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma CIDADE MODERNA QUALQUER, não apenas como URBS, mas como CIVITAS, possuidora dos atributos inerentes a uma capital (COSTA 1991, p.3).

O fato de colocar o homem como prioridade para a vida moderna na nova capital refletiu-se igualmente, no planejamento da educação da cidade idealizada. Coube a Anísio Teixeira propor um novo modelo de educação e de escola para formar o homem moderno. O “Plano de Construções Escolares de Brasília” (TEIXEIRA 1961), documento de sua lavra, estabelecia a oferta um conjunto de escolas que constituíssem exemplo e demonstração para o sistema educacional do país.

Como as necessidades da civilização moderna cada vez mais impõem obrigações à escola, aumentando-lhe as atribuições e funções, o plano consiste - em cada nível de ensino, desde o primário até o superior ou terciário, como hoje já se está este a chamar - num conjunto de edifícios, com funções diversas e considerável variedade de forma e de objetivos, a fim de atender a necessidades específicas de ensino e educação e, além disto, à necessidade de vida e convívio social (idem, ibidem, p.1).

A inovação do modelo educativo, formulada pelo educador Anísio Teixeira, revela-se nas atividades propostas para estudo, trabalho, recreação, administração, decisão e convívio, que transformariam aspectos tradicionais da educação criando espaços para novas funções da escola, como oficinas, clubes de esportes e recreação, a casa, o comércio, o restaurante, o museu e o teatro.

Inspirado no modelo da Escola Parque da Bahia (1950), o sistema educacional de Brasília funcionaria de modo integrado, abrangendo da educação infantil à universidade. Concebido sobre uma proposta pedagógica atenta às constantes transformações da sociedade, o desenvolvimento de seus conteúdos pautava-se nos princípios da filosofia pragmática de John Dewey, que preconiza o valor da experiência como vetor da aprendizagem.

Todos os seres vivos agem e reagem em seu meio, alterando-se e alterando o universo. E o homem exalta esse processo de interação e experiência. Graças à linguagem, torna a experiência cumulativa e, com o auxílio do seu registro simbólico, ela mesma objeto da experiência. Essa experiência da experiência o leva à descoberta das suas leis, com o que acrescenta uma dimensão nova ao universo – a da direção da experiência, abrindo as portas a desenvolvimentos insuspeitados nas ordens e desordens, harmonias e confusões, seguranças e incertezas do mundo, que constitui o seu meio e que ele passa a transformar em seu benefício (TEIXEIRA, 1955, p.1).

Planejado como um sistema único de educação, acessível a todos independentemente da classe social, o modelo de escola proposto instaurava bases igualitárias para a formação dos diversos quadros ocupacionais do país. As instituições escolares de Brasília se constituiriam em verdadeiras comunidades educativas, com suas diversas funções e considerável variedade de atividades, desenvolvidas em tempo integral. O sistema educacional surge de forma revolucionária compatível com a modernidade pensada para o Brasil de então e de hoje. A cidade nova, projetada e construída para a vida do homem na sociedade moderna trazia soluções humanizadas, menos asfalto, menos construções, menos alvenaria e mais jardins, espaços para as crianças brincarem com segurança.

O “Plano de Construções Escolares de Brasília” (TEIXEIRA, 1961) representa uma síntese das idéias de renovação educacional do Brasil, formuladas nas décadas de 1920 e 1930, período que emerge o movimento de intelectuais em favor da modernização da sociedade e defesa da escola pública, gratuita e laica. O citado Plano alinha-se ao ideário expresso no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, no qual Anísio Teixeira figura entre os signatários, que aponta para os desafios e prioridades presentes nas demandas desenvolvimentistas, sociais e econômicas da época. O clima de entusiasmo dos renovadores da educação impulsionava a criação de associações que colocavam em circulação as novas idéias.

Já se despertava a consciência de que, para dominar a obra educacional, em toda a sua extensão, é preciso possuir, em alto grau, o hábito de se prender, sobre bases sólidas e largas, a um conjunto de idéias abstratas e de princípios gerais, com que possamos armar um ângulo de observação, para vermos mais claro e mais longe e desvendarmos, através da complexidade tremenda dos problemas sociais, horizontes mais vastos (MANIFESTO, 2010, p. 36).

Durante mais de quinze anos, o grupo de pesquisa vem desenvolvendo estudos sobre a implantação do sistema de educação proposto por Anísio Teixeira para Brasília e seus desdobramentos. A busca de informações relativas ao tema foi enriquecida com um

programa de história oral, no qual os protagonistas da educação - professores, estudantes e gestores -, protagonistas da implantação do novo modelo de escolas, relatam suas experiências como pioneiros, uma das mais valiosas contribuições para o esclarecimento da memória da educação do Distrito Federal em seus primórdios. Compreende-se que o testemunho desses personagens são a garantia de um acervo representativo da intencionalidade que sustentou o projeto pedagógico da educação pública nos primeiros anos da nova capital. Sobre tais fundamentos apóia-se a tendência em favor de um discurso museológico como referência necessária para o significado do patrimônio educacional e para a visibilidade das memórias evocadas. Segundo Tucci Carneiro (2011), “todo arquivo é uma invenção e toda narrativa é uma construção composta por um conjunto de documentos selecionados por um grupo e/ou indivíduo que lhes dá forma e conteúdo” (p.328).

O acervo da pesquisa destinado ao Museu da Educação do Distrito Federal conta com documentos textuais, vídeos, fotografias, mobiliário das escolas, materiais didáticos, diplomas, lousas, canetas, cartilhas de alfabetização, livros didáticos, livros infantis, livros de leitura, cadernos, ábaco, jogos pedagógicos, pastas escolares, merendeiras, cartazes, mimeógrafos, projetores, boletins, cadernetas escolares e outros. A salvaguarda desses bens permite a recomposição simbólica de uma época, de um território e sua cultura, assim como a sustentação de ações inovadoras e transformadoras necessárias à emancipação da sociedade. Os bens culturais preservados, além de se constituírem como evocação do passado, enquanto fonte primária de observação, podem mobilizar a imaginação criativa para invenção de outras práticas sociais.

Com base nessa lógica, os bens culturais abrigados no Museu devem impulsionar a imaginação pedagógica de professores e estudantes do Distrito Federal e contribuir para o desenvolvimento de um espírito crítico diante da historicidade, das contradições, das discontinuidades das políticas educacionais que se sucederam desde a criação da nova capital. Reconhecer, coletivamente, um patrimônio, fortalece o senso de pertencimento ao território cultural e ambiental que sustenta a identidade comunitária.

Esse território de memória se materializa mediante a reconstrução da primeira escola pública do Distrito Federal, denominada Júlia Kubitschek, e, atualmente, destinada a sediar o Museu por seu valor simbólico. Inaugurada em 18 de outubro de 1957, a escola Júlia Kubitschek atendeu os primeiros estudantes, filhos de trabalhadores e funcionários da futura capital, ainda antes de sua fundação, sendo assim, o piloto do projeto político-pedagógico emergente. Como laboratório de experiências educativas, nos moldes propostos por

Anísio Teixeira, a escola foi projetada por Oscar Niemeyer foi construída originalmente na Candangolândia, primeiro núcleo habitacional da cidade que abrigou a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a NOVA-CAP, empresa responsável pela construção de Brasília.

A reconstrução dessa escola no mesmo lugar onde foi inicialmente erguida e lamentavelmente não preservada visa recuperar, pela pesquisa, objetos, documentos e depoimentos dos educadores e estudantes daquela época para reinventar o imaginário da capital brasileira. Repete-se, dessa forma, o gesto simbólico de sinalizar para todo país as possibilidades inventivas do povo brasileiro e um projeto de educação visando efetivo crescimento do indivíduo e da sociedade.

O Museu, assim como a escola Júlia Kubitschek em seu projeto original, são construções em madeira, conforme o ambiente dos acampamentos prevalentes nos primórdios da cidade. A sua edificação no Parque Vivencial e Ecológico dos Pioneiros, na Candagolândia, projeta uma arquitetura pautada na observância aos princípios de sustentabilidade. Por suas características, aproxima-se das finalidades de um ecomuseu, modelo contemporâneo de instituição museal na qual se encontra implícito o propósito de preservar e expor amostras para comunicação, instrução, memória, lazer, pesquisa e atração turística por meio do uso específico de acervos ecológicos. Nesse sentido, como um território de reflexão de memórias coletivas e sede de devaneio, ambientará educadores e estudantes para além das salas de exposição.

Essa configuração tornou-se explícita com o recente plantio de 2.400 mudas de espécies nativas, que deu origem ao “Jardim do Cerrado”, simbolizando a pedra fundamental do Museu da Educação do Distrito Federal. Nesse jardim, trilhas ecológicas e sensoriais integram um percurso projetado para o entorno da edificação, onde está previsto o plantio de jardins permaculturais, agrofloresta e bosques dos sentidos, com espécies ornamentais e aromáticas, que se propõem a valorizar o local por meio da observação da natureza.

Assim, na parte externa do Museu, estudantes, professores, outros segmentos da comunidade e demais visitantes poderão usufruir de espaços concebidos para a contemplação, reflexão e lazer. Ainda prevê-se a construção de uma mini-cidade, composta de casas no estilo das construções em madeira do início de Brasília, para instalar oficinas de arte-educação, de ocupações manuais e técnicas e de atividades corporais e cênicas, inspiradas na orientação pragmática do plano educacional de Anísio Teixeira para as escolas de Brasília. A área externa contará também com um Módulo Geodésico, com capacidade para cento e vinte pessoas, e o “Parque das Invenções”, arquitetado como local propício a criar oportunidades de socialização, experimentação e aprendizagem por meio de brincadeiras.

Dessa forma, a ambiência projetada para o museu poderá favorecer o espectro da rememoração de situações educativas, tanto na condição de aluno, como de professor. Compreende-se que, por meio da alternância entre conhecimento e rememoração, esse visitante poderá acessar as memórias de sua formação escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento de sua identidade e seu lugar de pertencimento na sociedade.

## O museu, a missão e os programas

Diferentemente de muitos museus que têm suas sedes construídas previamente para, somente então adequar seus espaços às necessidades do conteúdo expositivo, o Museu da Educação do Distrito Federal teve seu projeto arquitetônico concebido a partir de definições contidas no seu plano museológico. A importância desse ordenamento é a de viabilizar o uso dos espaços da instituição nos moldes planejados para atender às demandas presentes na sua missão e em seus programas.

A missão do Museu da Educação consiste em preservar, salvaguardar e difundir a memória da educação pública do Distrito Federal, com vistas a fortalecer a identidade da escola e do professor, bem como contribuir para a qualidade e renovação dos processos educativos, em benefício da cidade e da educação brasiliense. Nessa direção, museu e educação se complementam na medida em que promovem o desenvolvimento de uma consciência coletiva da história da educação local. O tratamento dos conteúdos das memórias educativas converge nessas esferas, ampliando-se gradativamente com a divulgação do acervo e, especialmente, por meio das ações educativas realizadas com os diferentes públicos, caracterizando o Museu da Educação do Distrito Federal como espaço de reflexão e debate.

O público usuário configura-se, assim, como o objetivo maior do Museu da Educação do Distrito Federal, em conformidade com os novos paralelos da museologia que emergem na Conferência Geral de Museus, em Paris (1971). Assim, desempenha a sua função contrapondo-se à museologia tradicional, que valoriza o acervo em si mesmo e o administra independente do seu uso social. Nesse contexto, exerce uma atuação crítica e transformadora ao se projetar como um museu integral e transitar para uma museologia social, aberta à sociedade e ao mundo real como bandeira política.

A nova museologia deve partir do público, ou seja, de dois tipos de usuários, a sociedade e o indivíduo. Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para a educação, a identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade (Teixeira Coelho 1999 p.45).

Para exercer as funções de um museu para a comunidade, foram concebidos no plano museológico diversos programas de atendimento especializado em setores educativos para tornar mais efetivos os vínculos entre a escola e a sociedade.

O programa educativo do Museu da Educação estabelece como prioridade a formação continuada para docentes do Distrito Federal, em parceria com a Universidade de Brasília. O acesso às memórias educativas dos seus antecessores aproxima os professores da atualidade às propostas pedagógicas e metodologias inovadoras utilizadas para superar problemas e soluções presentes no cotidiano da escola nos primórdios da cidade, estimulando mudanças criativas na educação de hoje. Além disso, essas atividades fortalecem o sentido de pertencimento do professor e o seu reconhecimento como protagonista da história atual.

Mencione-se ainda que o programa educativo organiza diferentes roteiros, apropriados a diferentes públicos, incluindo professores e estudantes da rede pública de ensino, a comunidade do Distrito Federal, em especial, a da Candangolândia e turistas em trânsito. Em relação aos estudantes, os percursos são direcionados aos interesses de cada segmento, buscando formas flexíveis, criativas e lúdicas, de acordo com a faixa etária de cada grupo. Considerando os processos de socialização e o desenvolvimento psicogenético, as atividades previstas visam estimular a curiosidade, criar o sentido de coletividade e perceber a educação como processo participativo, capaz de refletir-se nas suas atitudes. Para tanto, o museu disporá de uma equipe multidisciplinar de professores de áreas como Artes, História, Biologia, Letras, Museologia e outras, responsáveis pelas ações e conteúdos educativos.

A escola indo ao Museu pode compreender a função da preservação da cultura e dos objetos. Interpretando a relação entre o homem e o meio ambiente, a influência da herança cultural, a identidade dos indivíduos e dos grupos sociais a escola cresce dentro dos museus por meio de ações que objetivam um melhor entendimento, a transformação e o desenvolvimento social. (SANTOS, 2008 p. 141)

A acessibilidade é assegurada a todos os visitantes, de acordo com o previsto no programa educativo, a exemplo do atendimento ao portador de necessidades especiais. Com base na sua especificidade – sensorial, física e/ou mental – buscar-se-á inserir e desenvolver as potencialidades de cada um dos segmentos, para fomentar as relações de integração com o Museu. O seu contato com as peças expositivas dar-se-á por meio de percursos sensoriais próprios, utilizando-se de recursos de áudio-descrição, pelo contato direto com algumas peças reproduzidas de formas bidimensional ou tridimensional ou por meio de jogos adaptados e comunicação pelo sistema de libras.

Para o desenvolvimento das atividades museais, o programa educativo interage com os demais programas estabelecidos na estrutura do museu. Citem-se os seguintes programas: institucional, de exposições, de acervo, de pesquisa e extensão, de intercâmbio, de fomento e captação, de comunicação e difusão cultural, de gestão de pessoas e o de segurança.

O programa expositivo define três modalidades de exposições: de longa duração, de curta duração e itinerantes. No seu ingresso no museu, o visitante será recepcionado e receberá orientação de guias nas salas de exposição e pelas trilhas ecológicas. Com o intuito de sensibilizar o público, o percurso da visita começará numa sala de cinema projetada em 180 graus, para assistir filme que contextualizará o período da construção de Brasília e instalação do sistema de ensino público do Distrito Federal.

As antigas salas de aula da Escola Júlia Kubitschek, com adaptações necessárias ao atendimento das demandas contidas nos planos museológico e museográfico, hospedarão a exposição de longa duração. Nessa ambiência pedagógica serão apresentados em diversos suportes materiais e mídias eletrônicas, documentos textuais, fotografias e audiovisuais relacionados às propostas e metodologias educativas adotadas nos primórdios da cidade. A exposição de longa duração constituiu-se no fio condutor do projeto expográfico, que ilustra o espírito pioneiro, a inventividade da comunidade brasileira e as utopias que antecederam e concretizaram o sonho da nova capital.

As exposições de curta duração, compostas de mostras produzidas pela equipe do museu ou por segmentos da comunidade educacional, bem como por artistas locais ou pesquisadores interessados apresentarão produções relativas à educação do Distrito Federal. As exposições itinerantes também se constituem numa extensão dos programas expositivos do museu e se destinam às escolas públicas e a outros espaços da cidade, tendo em vista difundir a memória da educação do Distrito Federal e expor o patrimônio museal.

## Território de memória, educação e pesquisa

O Museu da Educação do Distrito Federal instituiu-se como um centro de referência de conteúdos educativos que favorecem a qualificação dos atuais docentes e seu usufruto, promovendo-se também como instituição capaz de mapear impressões do público visitante em torno dos conteúdos expostos e criando um campo sensível de observação para perceber a educação como um processo de humanização.

A expectativa é de que o brasileiro, ao visitar o museu, reconheça o seu passado educativo, com um olhar reflexivo que ilumine a sua consciência apontando as

influências da formação escolar na sua identidade. Espera-se que o visitante, ao entrar em contato com o patrimônio material, imaterial, cultural e simbólico exposto no museu, alcance a compreensão de seu pertencimento ao seu tempo histórico.

Sendo um lugar de memória, educação e pesquisa, pretende-se que esse museu exerça papel transformador na sociedade, fundamentado no entendimento da relação do passado com o presente e das possibilidades

que iluminam o futuro. O fomento à pesquisa histórica sobre a educação do Distrito Federal ampliará o olhar sobre o tema, oferecendo novos elementos capazes de alicerçar propostas transformadoras para a educação contemporânea.

Revisitar a escola de ontem para inventar a escola de amanhã é o lema que norteia a intencionalidade das ações educativas desenvolvidas na instituição nascente, em seu campo museal.

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando. A cultura brasileira. *In.*: **Introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 6ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: Editora UnB e UFRJ, 1996.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. ArPDF. CODEPLAN, DePHA. Brasília: GDF, 1991.

CURY, Marília Xavier. O sujeito do museu. *In.*: **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n.4. Instituto Brasileiro de Museus, 2009.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa**: Reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa. (p. 139-153). Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016. Rio de Janeiro, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Vértice. Ed. Revista Dos Tribunais. São Paulo, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Conferência no Instituto de Estudos Avançados da USP. (p. 89-112). Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016. São Paulo, 1988.

LISPECTOR, Clarice. Brasília. *In.*: **Para Não Esquecer**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1999.

**MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>. Acesso em 17/02/2016.

PEREIRA, Eva Waisros; ROCHA, Lúcia Maria da Franca. Anísio Teixeira e o Plano Educacional de Brasília. *In.*: PEREIRA, Eva Waisros et alli. **Nas Asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa [1956-1964] (p. 27-46). Editora UnB. Brasília, DF, 2011.

SANTOS, Maria Célia. Museu e Educação: conceitos e métodos. *In.*: **Encontros Museológicos**: Reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Brasil. MinC/IPHAN. Ministério da Cultura, IPHAN, DEMU. Rio de Janeiro, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Coleção Memória da Educação. Campinas, SP. Autores Associados, 2008.

TAUNAY, Maria Paula. **Paisagens da Memória**: Museu da Educação do Distrito Federal. Disponível em [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19142/3/2015\\_MariaPaulaVasconcelosTaunay.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19142/3/2015_MariaPaulaVasconcelosTaunay.pdf). Repositório de Teses da Universidade de Brasília, 2015.

TEIXEIRA, Anísio. **Bases da teoria lógica de Dewey**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v.23, n.57, jan./mar. p.3-27. Rio de Janeiro, 1955.

\_\_\_\_\_. **Plano de Construções Escolares de Brasília**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. INEP/MEC, p.195-199. Rio de Janeiro, 1961.

TEIXEIRA COELHO, José. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Iluminuras. Rio de Janeiro, 1999.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. Arquivos- Relicários: Múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. *In.*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Crítica e Coleção**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2011.